

CEDI - P. I. B.	
DATA 29/12/86	
COD. 0N 149	1
≥ € ;	
. LS:	

RUBRICA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

- 1 HISTÓRICO DOS ÍNDIOS MAKURAP
- 2 HISTÓRICO DOS ÍNDIOS TUPARI
- 3 OS ÍNDIOS TUPARI E MAKURAP

BIBLIOGRAFIA

ANEXOS

M.



100 W.	365513
š,	213
RUBRICA	

INTRODUÇÃO

O presente relatório sobre os índios Tupari e Makurap, localizados no Território Federal de Rondônia, ressente-se da carência de referências históricas acerca desses índios. Tanto no material bibliográfico quanto nos documentos pesquisados, as informações sobre esses índios são quase inexistentes.

De qualquer sorte, a conclusão a que chegamos, após esgotarmos as fontes de possível informação sobre os Tupari
e os Makurap, é que a exploração dos seringais nativos do então
Território do Guaporé levou a uma grande incorporação da mão-deobra indígena nesta atividade. Grupos mais aguerridos como
Suruí, Cinta-Larga, Nambiquara e outros ofereceram uma maior resistência às frentes de contato que se estabeleceram na área, ao
passo que grupos como os Palmela, os Tupari, os Caripuna, os Jaboti, os Makurap e outros-foram, por vários tipos de injunções,
mais facilmente contatados e destribalizados.

O que nos foi dado perceber através dos documentos do Centro de Documentação Etnológica (CENDOC/RJ), é que os Tupari e os Makurap se encontravam localizados, principalmente, no P.I. Ricardo Franco e no P.I. Major Amarante.





PROC. N.	- 30591 80
FLS.	214
RUBRICA	

1 - HISTÓRICO DOS ÍNDIOS MAKURAP

De acordo com Malcher, os indios Makurap (Macurape, Macurap) é de lingua Tupi estando localizados no "Território de Rondônia ao longo do rio Branco, afluente da margem direita do Guaporé, nos rios Colorado e Mequens. Pequeno grupo no Pôsto do S.P.I. Ricardo Franco, à margem direita do Guaporé, próximo do Cautário." (MALCHER, 1962:84)

Galvão (1960:25~26) e Darcy Ribeiro (1957:83) forne cem informações similares as de Malcher, mas consideram os Makurap como extintos. Galvão inclui os Makurap na 3.ª Área Cultural — Guapore.

Lévi-Strauss (1948:371) também menciona os Makurap como vivendo ao longo do Rio Branco.

Etta Becker-Donner (1962:148) menciona a existência, em 1954, de índios Makurap no P.I. Ricardo Franco (Ver Mapa II).

Ribeiro faz o seguinte relato sobre os Makurap: "No Guapore, em 1954, uma epidemia de sarampo provocou enorme mortalidade entre varias tribos. Indios arredios das tribos Tupari, Makurap, Arikapu, Jabuti e, provavelmente, outros, atraídos por missionarios católicos, abandonaram, a partir de 1952, seus antigos territórios nas cabeceiras dos afluentes da margem esquerda do rio Guapore para se concentrarem em torno da Missão instalada no médio rio Branco, próximo ao seringal São Luís. Cada tribo armou sua maloca na mata em torno, a distâncias aproximadas de um dia de viagem. Perfaziam no total cerca de quatrocentos índios, quando foram atingidos pela epidemia que matou a quase totalidade deles. Alguns convalescentes procurando alcançar as antigas malocas onde haviam ficado uns poucos velhos que não quiseram viver junto dos brancos morreram no caminho, sendo encontrados seus cadáveres ao longo do varadouro da mata." (1970:277)

Rosa Scolnik faz a seguinte observação sobre os Makurap: "De la otrora poderosa y temible tribu quedaban solamente



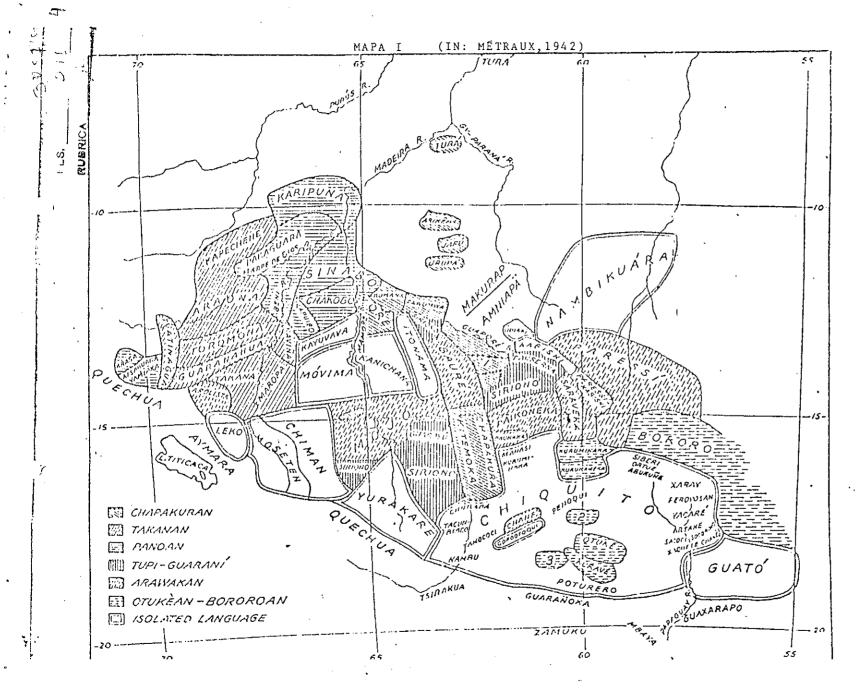
MRGC. N.	·3657!8
FLS.	<u> </u>
RUBRICA	

algunos grupos o "malocas", con escasos componentes... Todos ellos estaban en contato directo con los civilizados, en cuyas cercanias vivían y con quienes manteníam intercambio de ciertos productos, pues eran "siringueros" (caucheros)." (1955:91-92)

Segundo Métraux (1942), os Makurap tinham muitos traços Tupi e viviam em torno das cabeceiras do rio Colorado, um tríbutário do rio Branco.

No livro de Franz Caspar, "Tupari", hã várias menções à dispersão dos índios Makurap, provocada a partir do surgimento da exploração do seringal nativo pelo homem "branco".

1





PROC. N.	305718
FLS.	217
RUBRICA _	John .

2 - HISTÓRICO DOS ÍNDIOS TUPARI

Para Malcher, os Tupari estão em contato permanen te e são Tupi. Habitam no "Território de Rondônia, nas matas da margem direita do Rio Branco, afluente esquerdo do Guaporé" (MALCHER, 1962:84). A informação de Ribeiro (1957:94) é seme lhante à de Malcher.

Ribeiro (1970:285-286) coloca que os "indios Tupari do Guaporé, que entraram em convívio com seringueiros na década de 20, foram reduzidos ... de cerca de três mil indios a duzentos e cinquenta em 1934 e a algumas dezenas em 1954."

Scolnik diz sobre os Tupari que "de esta tribu, antes numerosa, quedaban en el año 1948 apenas 180 personas. La mortalidad fué impresionante después de cada contacto que, con algunos años de intervalo, tuvieron con los civilizados. Cuando los visitamos estaban en buena situación, lo que equivalia a tener abundancia de alimentos ... Casi todos los adultos, tanto hombres como mujeres, se quejaban de dolores reuma toides en extremidades y articulaciones. Este síntoma, junto con una fina descamación de la piel y placas blancas despigmentadas, son características del pian." (94)

Caspar (1953) relata neste ensaio sua ida em 1948 aos Tupari do alto Rio Branco, quando permaneceu entre os índios por seis meses. Vinte e um anos depois do primeiro contato direto com os seringueiros, a tribo contava ainda com cerca de 40 famílias que, relativamente isoladas da civilização, moravam em duas grandes malocas. No presente trabalho, Caspar fala sobre a vida familiar e sexual dos Tupari. Neste ensaio, o autor chega a conclusão que, mais dia menos dia, a vida tribal dos Tupari será destruída, pois esses índios representam para os brancos da região a última reserva de trabalhadores e suas mulheres são cobiçadas pelas tribos vizinhas, que foram privadas das suas pelos seringueiros.

100



weistlich an den Matto dem Madeira-Mamoré, n. Jeh kann aus eigener

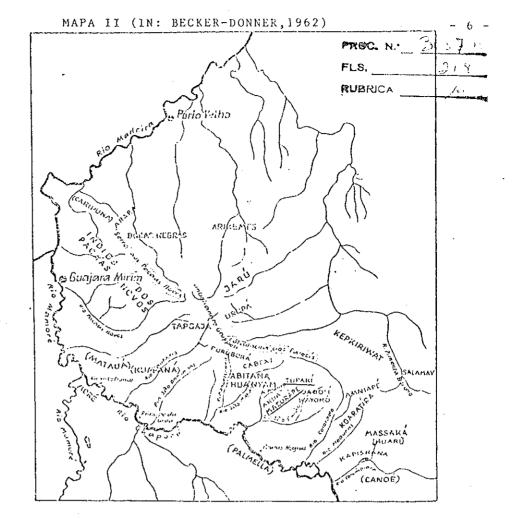
on Osien her die Serra foven, his hart an den Strecke Porto Velhoier, die kleine Stromig powesenen Caripuna a erwy 1825 noch von ment com Jacy Paraná om mir mit einem regi Dialekt.

ir isadi "wilden", sehr m morros Indianer. Sie m misammlern etc. jehiet reicht bis zu od. Negro. Nor eine der Pacaas Novos war ahazzlienst Frieden zu n G. schenke abzuholen. ern.

de leh mich mit ihnen ige herauszubekommen, inn einen Chapacura-

ließenden Mataua und le Cautario sind heute für D. Leigne Castedo hioreauhip gesammelt, 1000 Menschen unilieber im Zunehmen egensteidt.

I und am Rio Manuel





PROC. N.	3,57 /
FLS.	219
RUBRICA	14

Em outro livro de Caspar (<u>Tupari</u>), o autor recolheu um relato mais minucioso dos Tupari feito pelo cacique Waitō. Transcreveremos deste livro o texto abaixo:

"- No meu tempo de criança, os Tupari não sabiam que ao oeste viviam homens brancos e pretos. Só nós, os Tupari, viviamos nesta região, e, à nossa volta, as tribos vizinhas. Éramos todos bons amigos. Nossos pais só travaram lutas ferozes com os selvagens Hamno. Nossos melhores amigos eram os Makuráp, que chamamos Tamo na nossa língua. Íamos sem pre visitá-los, embora o caminho fôsse muito difícil, pois nas grandes savanas,o sol queimava nossas cabeças o dia inteiro. Os Makuráp tinham um grande capitão e doutor, chamado Waikuli, que havia morto e envenenado muito Makuráp e Jabuti. Waikuli era o pai do Alfredo que trabalha agora em São Luís. Éle gos tava muito de mim e me chamava de "okib", meu irmãozinho. Eu o chamava de "atsa", meu irmão grande.

Um dia, soubemos pelos nossos amigos, terem che gado homens estranhos pelo rio. Uns tinham a pele branca ou tros preca e não andavam nus como nos, mas traziam calças camisas. Navegavam pelo rio em barcos grandes que lançavam uma fumaça monstruosa. Não caçavam com arco e flecha, mas atiravam com um canudo que fazia um estrondo forte, lançando carocinhos duros no corpo do bicho. Esses homens falavam uma lingua que ninguém compreendia. Logo chegaram até as malocas dos Makurap muitos colares, espelhos, facas e machados. pois construíram a sua choça, à beira do rio, e foram procu rar árvores chamadas por nos de "herub" com cujo suco fazemos bolas para jogar. Os homens brancos, no entanto, não fizeram bolas para brinquedo com o suco do herub, mas grandes bolões que levavam rio abaixo nos seus barcos. Derrubaram também muitas arvores e plantaram uma porção de milho, banana, mandi oca, e também arroz e muitas outras coisas. Empregavam os Ma kurap e davam-lhes mais facas e machados, também calças e camisas, rêdes e mosquiteiros. Para isso, pediam aos Makurap para os ajudarem a derrubar árvores e abrirem picadas através das matas.

MOD.: 115

N-



FREC. N.	3: 67 ·
FLS.	35,
RUBRICA	1104

Vimos os machados e facas que os Makuráp receberam dos estrangeiros. Éstes eram muito mais duros do que os nossos de pedra, com os quais trabalhávamos e não se quebravam com o uso. As facas também eram muito melhores do que as nossas de bambu e talo de cana, com que cortávamos a carne e as penas das setas. Queríamos também ter tais machados e facas, mas tinhamos mêdo dos estranhos. Os velhos diziam não serem êstes gente, mas "Tárüpa" maus espíritos, portadores da doença que mata as pessoas. Assim, chamamos os estrangeiros de "Tárüpa" e até agora os chamamos assim. Sabemos não serem maus espíritos, embora tenham trazido a doença entre nós.

Quando pela primeira vez trouxemos a casa a noticia dos estrangeiros, as mulheres choraram e disseram: os Tárrupa chegarão até aqui para nos matar e aos nosso filhos também. Fomos logo procurar de novo os nossos amigos Makuráp Mostraram-nos mais presentes dados pelos estrangeiros. Pedimos uns machados e êles nos deram alguns já usados que não precisavam mais, porque sempre ganhavam dos brancos outras ferramentas novas e boas.

No entanto, notamos também que muitos Makuráptos siam e morriam. A tosse era trazida pelos barcos a motor das aldeias dos estrangeiros. Todos os Makuráp tossiam e muitos e muitos morriam.

Os Tárupa também foram visitar os Jabuti, Wayoró, Aruá e Arikapu e os levaram para trabalhar nas suas plantações e florestas de borracha. Também êles receberam facas,
camisas e calças. Mas também começaram a tossir, sentir dores de cabeça e febre. A maior parte morreu. Poucos sobraram.

Por fim, os estrangeiros vieram até aqui. Chega ram dois homens brancos às nossas malocas. Chamavam-se Cravo e Awitchi. Foram trazidos por Bipey, cacique dos Makuráp.Muitos Arikapu carregavam as bagagens. Ainda não havíamos visto um Tárupa e nos assustamos muito. Agarramos nossos arcos e flechas e as mulheres fugiram com as crianças para a mata, ou se esconderam na choça, gritando e chorando.

7/2



PROC.	3.57
FLS.	5 21
RUBRICA	jive

Porém, Bipey nos disse que os brancos desejavam ser nossos amigos, e haviam-nos trazido muitos presentes. Os Tárupa distribuíram entre nos sal, açucar e muitas outras coisas e Bipey nos disse que deviamos ir trabalhar para êles no barração. Assim, ganharíamos machados e terçados. Não pude ir com êles, porque um jacarêzinho me mordera o braço - veja aqui ainda tenho a cicatriz. Porém, muitos foram com os Tárupa para derrubar o mato. Estavam trabalhando já há alguns dias, quan do uma árvore caiu sôbre um branco môço e o matou. Os Tupari ficaram com mêdo e fugiram. Muitos trouxeram machados para ca sa. Foram os primeiros machados bons que tivemos.

Quando Cravo estêve entre nos, tossia muito e punha uma mucosidade pelo nariz. Nossos homens, mulheres e crianças começaram também a tossir, a mocosidade lhes corria do nariz, sentiam dor de cabeça e no peito. Muitos Tupari morreram, também muito capitaes e pajés. Assim, ficamos com mêdo e não queríamos mais ir trabalhar com os brancos. Mas desejávamos possuir mais machados e facas.

Quando já me tinha casa e minha filha Maéroka já estava no mundo, apareceu aqui um outro Tárupa, foi o Toto Alemão (O Dr. Alemão era o Dr. E. Heinrich Snethlage). Veio com muitos homens Jabuti, Wayoró e Arikapu e com mais três Tárupa. Um dêles era negro e se chamava Nicolau. O Toto Alemão trouxe muitos presentes: facas, machados, pentes, colares, roupas e outras coisas mais. Era um homem muito bom, muito grande, mai or do que você e do que todos daqui. O negro Nicolau ria e dançava muito com nossas mulheres e nos deu contas de vidro. Po rém, o Toto Alemão estava doente. Tossia muito. Nossas mulhe res começaram a tossir e muitas morreram. Quando êle partiu, nos o acompanhamos até a cabana dos brancos. Trabalhamos lá e recebemos mais machados, facas e também calças e camisas.

Mais tarde voltamos, outra vez, aos brancos. Regino sempre nos dava de tudo que precisavamos. Ele é muitobom. Rivoredo também é bom. Quando meu irmão pegou a tosse em São Luís e morreu, êle meu deu um terçado.

Uma das vêzes em que fomos trabalhar com os bran-





PROCES	3057
FLS.	
RUBRICA	74

cos em São Luís, levamos conosco algumas mulheres. Lá não havia ninguém para nos fazer a chicha. Duas delas morreram de tosse. Agora as mulheres não querem mais ir para os Tárlipa. Uma vez o Rivoredo levou-nos no barco a motor, de São Luís, até o rio grande. Lá vimos um barco a vapor cheio de Tárlipa que nos o-lharam muito e queriam comprar nossos arcos e flechas. Construímos um grande barração e voltamos para São Luís. Muitos sentiram dor de cabeça por causa do motor. O motor nos deixa doentes e traz a tosse.

Já fui cinco vêzes aos Tárupa para ganhar um machado ou uma faca. Uma vez, o Regino veio até aqui e nos levou para trabalhar. O negro Pedro também veio com o Severino, quando já morávamos aqui mesmo. Ficaram três dias aqui. Não eram bons. Levaram-nos para trabalhar em São Luís, dizendo que nos dariam machados, facas, camisas e calças. Mas foi tudo mentira. Trabalhamos, mas não recebemos machados, nem facas. Che garam muitos outros Tárupa para colherem borracha.

Na última estação da chuva, vieram Tiboro, sua mu lher Maria e Rosa e Ricardo (o jornalista de Buenos Aires e seus companheiros). Cantavam, dançavam e bebiam também muita chicha e não tossiam. Estava bom. Tiboro e Maria levaram muitos arcos, flechas, rêdes e muita outra coisa e não nos deram machados e fações. Isto não foi bom.

Agora veio você. Você também não tosse. Está bom. Você trabalha e caça muitos macacos e não é mau. Você vai ficar aqui e nunca mais irá embora. Somo agora poucos Tupari. Te mos só duas choças, a minha e a de Kuarumé. Porém trabalhamos muito e temos muito milho, amendoim, inhame, cará para nós, nos sas mulheres e filhos. E bebemos muita chicha e cantamos e dan çamos. Isto é bom. Aqui onde agora moramos, não morre mais muita gente. Os Tárupa dizem que devemos ir morar em São Luís. Mas isto não é bom para nós. Queremos ficar aqui. É bom morar nes tas choças grandes. Lá com os Tárupa existe muita doença e os seringueiros perseguem tôdas as mulheres. A vida lá não é boa. Queremos ir a São Luís só quando quisermos machados e facas. En tão, trabalhamos para os Tárupa e voltamos, outra vez, para as



PRO	3057 1
FLS.	<u>3 </u>
RUBRICA _	44
	· - T

nossas malocas. Assim estã bom. " (CASPAR, 1953:146-148)

MOD.: 115

1

 $\sqrt{N_{\rm p}}$



P RG	3757
FLS	224
RUBRICA	My

3 - OS ÍNDIOS TUPARI E MAKURAP

O material existente no CENDOC acerca dos índios Tupari e Makurap $\tilde{\mathbf{e}}$ bastante residual e, por este motivo, optamos por reproduzir e enviar como anexo os poucos documentos en contrados.

O material selecionado é dos Postos Indígenas Major Amarante e Ricardo Franco, pois são estes os únicos postos onde encontramos referência aos Tupari e Makurap. O material do CENDOC por nos utilizado relativo à 9.ª I.R. encontra-se distribuído em seis microfilmes perfazendo um total de, aproximadamente, 9 000 documentos.



FUNDAÇÃ: HACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROC NO.	3057150
FLS.	205
RUBRICA _	

BIBLIOGRAFIA *

BECKER-DONNER, Etta.

Guapore-Gebiet. Bulletin of the International Committee on Urgent Anthropological and Ethnological Research. Vienna, 5:146-150, 1962.

CASPAR, Franz.

Some Sex beliefs and practices of the Tupari indians (Western Brazil). Revista do Museu Paulista, N.s., 7:203-248, São Paulo, 1953.

CASPAR, F.

Tupari (entre os indios nas florestas brasileiras). São Pau 10, Melhoramentos, 1958.

GALVÃO, Eduardo.

Áreas Culturais Indígenas do Brasil; 1900-1959. Belém, <u>Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi</u>, N.s., <u>8</u>, 1960.

LEVI-STRAUSS, Claude.

Tribes of the right bank of the Guapore River. Handbook of South American Indians. <u>Bulletin Bureau of American Ethnology</u>. Washington, 3:371-379, 1948.

MALCHER, José M. Gama.

Indios: grau de integração na comunidade nacional, grupo lin guístico, localização. N.s. Publicação nº 1, CNPI, Ministério de Agricultura, Rio de Janeiro, 1962.

MÉTRAUX, Alfred.

The Native Tribes of Eastern Bolivia and Western Matto Grosso. Bulletin of the Bureau of American Ethnology, 134, Washington, 1942.

1



PROC. N.	3-571 n
FLS.	276
RUBRICA	12

RIBEIRO, Darcy.

Linguas e Culturas Indígenas do Brasil. Rio de Janeiro, Cen tro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1957.

RIBEIRO, D.

Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno. Rio de Janeiro, Civilização Bra sileira, 1970.

SCOLNIK, Rosa.

Observaciones sobre el Estado Sanitario de Algunas Tribus Indigenas. <u>América Indígena</u>, México, <u>15</u>:88-96, 1955.

76

^{*} Todas as obras citadas pertencem ao acervo da Biblioteca do Museu do Índio - RJ.